

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UFSCAR
DEPARTAMENTO DE MEDICINA DA UFSCAR**

MULLER RODRIGUES PARRA

**TRAJETÓRIA ACADÊMICA NA MEDICINA: DESAFIOS, APRENDIZADOS E
EXPERIÊNCIAS**

**SÃO CARLOS -SP
2024**

MULLER RODRIGUES PARRA

**TRAJETÓRIA ACADÊMICA NA MEDICINA: DESAFIOS, APRENDIZADOS E
EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de bacharel em Medicina.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratan Cardinali Adler

SÃO CARLOS-SP
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Faça a sua preenchendo ESTE FORMULÁRIO AQUI.



AGRADECIMENTOS

À minha avó materna, Ednólia Clarisse, que sempre sonhou junto a mim e também sempre foi e ainda é meu maior porto seguro, mesmo que não esteja mais presente conosco neste plano.

Ao meu pai, Marcos Rodrigues, e à minha irmã, Renata Luma, que foram a maior fonte de suporte ao longo dessa trajetória.

Ao amigo André Rodrigues, grande exemplo de empenho e superação. Aos amigos André Henrique e Rafael Jioia, que estiveram presentes nos momentos de alegria e dificuldade na vida fora da graduação. À amiga Maria Fernanda, responsável pelos melhores conselhos, acadêmicos ou não.

Aos meus orientadores, Dra. Esther Angélica Luiz Ferreira e Dr. Ubiratan Cardinalli Adler, que orientaram o caminho a ser trilhado e são profissionais pelos quais nutro grande admiração e carinho.

Aos meus companheiros de internato, que foram responsáveis pelo companheirismo nos momentos de desespero e de alegria.

DEDICATÓRIA

À minha avó materna, Ednólia Clarisse, que sempre cuidou de mim com muito zelo e carinho, estimulou que eu me empenhasse nas atividades escolares, ainda que a mesma tivesse formação somente do ensino fundamental, que desde sempre sonhou em ter um filho médico, e que, infelizmente, não pôde estar presente ao início e conclusão desse sonho. Eu te amo além da minha própria compreensão; essa conquista é nossa. Obrigado, por tudo.

*Talvez porque a alma é grande e a vida pequena.
E todos os gestos não saem do nosso corpo,
E só alcançamos onde o nosso braço chega,
E só vemos até onde chega o nosso olhar.*

“Dois Excertos de Odes (Fins de duas odes, naturalmente)”.
Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa.

RESUMO

Este trabalho relata a jornada acadêmica do autor na faculdade de Medicina, abrangendo o período de 2018 a 2024. Com foco nos três ciclos – Básico, Clínico e Internato – o relato destaca os desafios, aprendizados e experiências vividas ao longo dessa trajetória. No primeiro ciclo, que abrange os dois primeiros anos da graduação, o autor compartilha as dificuldades iniciais, desde a adaptação à metodologia ativa até a escolha da moradia. Destaca a importância da integração com colegas e a superação de obstáculos que moldaram seu crescimento acadêmico e pessoal. O segundo ciclo, ocorrendo durante os anos de 2020 a 2022, é marcado pelas mudanças na grade curricular e os impactos da pandemia de COVID-19. A suspensão das atividades presenciais é abordada, enfatizando os esforços da equipe docente para adaptação e retomada das atividades práticas. O terceiro ciclo, o Internato, é descrito como uma fase de intensas transformações e responsabilidades. Os estágios em diversas especialidades são detalhados, ressaltando o aprendizado prático e as relações construídas com preceptores e docentes. A experiência no ambiente hospitalar contribui para a consolidação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. O autor destaca também seu envolvimento em atividades extracurriculares, como participação no Centro Acadêmico, na Liga Acadêmica de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos, e no Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET). Essas experiências complementares enriquecem sua formação, proporcionando uma visão mais ampla do sistema de saúde e fortalecendo suas habilidades. O autor destaca também seu envolvimento em atividades extracurriculares, como participação no Centro Acadêmico, na Liga Acadêmica de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos, e no Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET). Essas experiências complementares enriquecem sua formação, proporcionando uma visão mais ampla do sistema de saúde e fortalecendo suas habilidades. Ao final, o trabalho enfatiza a conclusão da graduação como um marco de superação, aprendizado e amadurecimento. O autor celebra não apenas a formação acadêmica, mas também as amizades construídas ao longo dessa jornada, destacando a importância do apoio mútuo entre colegas.

Palavras-chave: educação superior; medicina; relato de experiência; covid-19.

ABSTRACT

This work recounts the author's academic journey in medical school, spanning from 2018 to 2024. Organized into three cycles – Basic, Clinical, and Internship – the narrative highlights challenges, learnings, and experiences throughout this trajectory. In the first cycle, covering the initial two years of the program, the author shares the initial difficulties, from adapting to active learning methodologies to choosing accommodation. The importance of integrating with peers and overcoming obstacles that shaped both academic and personal growth is emphasized. The second cycle, taking place from 2020 to 2022, is marked by changes in the curriculum and the impacts of the COVID-19 pandemic. The suspension of in-person activities is addressed, emphasizing the faculty's efforts to adapt and resume practical activities. Overcoming the challenges imposed by the pandemic situation showcases the author's resilience. The third cycle, the Internship, is described as a phase of intense transformations and responsibilities. Stages in various specialties are detailed, highlighting practical learning and relationships built with preceptors and faculty. The hospital environment contributes to consolidating theoretical knowledge gained throughout the course. The author emphasizes involvement in extracurricular activities, such as participation in the Academic Center, the Academic League of Analgesic Therapy and Palliative Care, and the Education through Work for Health Program. These complementary experiences enrich their education, providing a broader view of the healthcare system and strengthening their skills. In conclusion, the work highlights the completion of the degree as a milestone of overcoming challenges, learning, and maturation. The author celebrates not only academic achievement but also the friendships forged during this journey, underscoring the importance of mutual support among peers.

Keywords: college; medicine; academic journey; covid-19.

LISTA DE SIGLAS

SP – Situação Problema

ES – Estação de Simulação

PP – Prática Profissional

RP – Reflexão da Prática

SMu – Saúde da Mulher

SAI – Saúde do Adulto e do Idoso

SCrA – Saúde da Criança e do Adolescente

CA – Centro Acadêmico

LATACP – Liga Acadêmica de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos

PET – Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE SIGLAS	8
1. INTRODUÇÃO	10
2. PRÓLOGO (2017)	10
3. O PRIMEIRO CICLO – CICLO BÁSICO (2018-2019)	10
4. O SEGUNDO CICLO – CICLO CLÍNICO (2020-2022).....	12
5. O TERCEIRO CICLO – INTERNATO (2022-2024)	14
6. AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES (2018-2023).....	17
7. CONCLUSÃO	18

1. INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, redigido de acordo com as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar, realizo análise crítico-reflexiva em relação à minha formação, abordando o período pré-vestibular, os 3 ciclos de aprendizagem (básico, clínico e interno) e as atividades extracurriculares.

2. PRÓLOGO (2017)

O início de toda essa história não poderia se passar sem uma breve menção a tudo aquilo que aconteceu logo antes da aprovação no vestibular. É algo que fundamenta, reforça e dá sentido pra tudo aquilo que ocorreu posteriormente.

O ano de 2017 foi um período conturbado. Basicamente todas as esferas da minha vida, que quando somadas eram a síntese do meu viver, passavam por um momento de caos, desentendimentos, dúvidas e amargor.

Ainda assim, tudo isso serviu como combustível; o fulgor que impulsionava e me movia em direção à mudança, à alteração do estado de inércia. Era a esperança aliada à vontade e à motivação. O resultado foi a somatória de muito esforço e a sorte de encontrar durante a jornada amigos que caminharam junto à mim e não deixaram com que eu aceitasse novamente o comodismo nos momentos de fraqueza, instigando em mim o descontentamento com qualquer resultado que não fosse a aprovação, a vitória.

E assim foi feito. Convocado para matrícula na segunda chamada do SiSU 2018.

3. O PRIMEIRO CICLO: CICLO BÁSICO (2018-2019)

O primeiro ciclo compreende os 2 primeiros anos da graduação. Claro, traz consigo o período de chegada à universidade, o momento de conhecer o campus de São Carlos, encontrar moradia, conhecer os colegas de classe e de curso e tudo mais.

O processo de matrícula na UFSCar passa por 2 momentos. Sendo o primeiro deles carregado de muita ansiedade e o segundo de muita euforia. Inicialmente a universidade dispõe em seu site a lista de convocados para confirmação de interesse na vaga, sendo que não necessariamente haverá convocação para realização de matrícula, com tudo isso a depender da sua colocação, do número de vagas disponíveis e se seus “concorrentes” (ou, possivelmente, futuros colegas de sala) desejam ocupar as vagas disponíveis ou não. Claro, para que tudo isso ocorra, o número de convocados para demonstração de interesse pela vaga é sempre maior do que o número de vagas disponíveis naquele momento, seja na segunda, terceira, quarta chamada, ou qualquer outra se assim houver. Esse momento

gera grande expectativa e ansiedade; não se sabe, com certeza, da convocação para matrícula ou não. No mesmo dia, em período posterior, ocorre a listagem dos alunos convocados para matrícula. Nesse momento, sim, há grande euforia. Após a realização da matrícula, com apresentação de toda documentação necessária, o sentimento de alegria toma conta de todos. Já na saída ocorre um momento de integração com os colegas de sala e com os já matriculados de anos anteriores (do segundo ao sexto ano de curso). A recepção, como é chamada, é realizada pela somatória de representantes de diferentes instituições que existem dentro do próprio curso (e.g., atlética e centro acadêmico do curso de medicina), além dos “veteranos”, não necessariamente filiados a alguma dessas instituições, que queiram participar e dar as boas-vindas. É um momento de descontração, comemoração, apresentação e integração. Faz parte do rito de entrada à graduação e, se assim posso dizer, ainda bem que ocorre.

O primeiro desafio depois de tudo isso consistiu em encontrar e escolher dentre as várias possibilidades um local para moradia. Nesse ponto não tive dúvidas ou dificuldades. Já tinha amigos que moravam na cidade de São Carlos e estudavam na UFSCar, em outros cursos. Hoje vejo que a escolha foi certa, e que morar junto a conhecidos e desconhecidos abriria novos horizontes para entender e valorizar a vivência em grupo, o respeito e o espírito de equipe. Sem dizer dos momentos de diversão, as conversas em grupo, os conselhos e tudo mais.

Uma vez estabelecido e definida a moradia, o segundo desafio seria a adequação ao método de estudos. As metodologias ativas de ensino, até então desconhecidas por minha parte, que guiariam meus estudos e aprendizado. A insegurança era o componente maior, presente em todas as engrenagens que iriam compor essa maquinaria. Mas, para minha surpresa, a grade curricular, sabendo dessa defasagem por parte da maioria dos discentes recém-chegados, já estava preparada para sanar dúvidas e propiciar o aprendizado e adequação ao uso da metodologia. O primeiro ano, principalmente o primeiro semestre, serviu como base para tudo isso, além de dar início ao estudo das matérias básicas que serviriam como fundamento para os anos posteriores.

Ainda assim, as diferenças da metodologia ativa e a proximidade com colegas discentes e facilitadores, devido à formação dos pequenos grupos, trouxe também desafios. Tais desafios serviram para fortalecer o psicológico e nossas habilidades para momentos de atividade em grupos e o modo de como realizar e receber críticas ou elogios.

Dentre as 3 principais frentes de aprendizado tínhamos: a “SP” ou “Situação Problema”, a “ES” ou “Estação de Simulação” e a “PP/RP” ou “Prática Profissional/Reflexão da Prática”.

A Situação Problema inicialmente era a atividade preferida pela maioria dos alunos. Era a frente responsável pela maior aquisição de conhecimento teórico generalizado relacionado à medicina. Ocorria pela leitura e problematização de casos clínicos e levantamento de hipóteses e questões de

aprendizado. Era onde ocorria o estudo sobre o funcionamento básico dos diversos sistemas que compõem o organismo humano e a interação entre eles.

A Estação de Simulação logo se tornou minha grade favorita, uma vez que simulava em ambiente controlado, com a participação de atores e sob a supervisão do facilitador, a prática profissional, focada na aquisição de informações e execução de habilidades práticas. O retorno dado pelos facilitadores e a atividade simulada serviam como disparadores para o estudo e aprendizado. O sentimento de aprendizado teórico e prático cada vez maior e mais próximo daquele esperado de um egresso de medicina era muito prazeroso.

A Prática Profissional e Reflexão da Prática inicialmente não me era de muito agrado. Estudos sobre a legislação, compreensão de como foi fundamentado e criado o SUS, filmes e documentários, visitados domiciliares, entre outras atividades. Mal sabia eu, naquela época, da importância da atividade e de como ela seria a base para uma boa execução do ciclo clínico e do internato.

Ao fim do primeiro ano, apesar de alguns tropeços durante o caminho, tudo correu bem. Iniciou-se então, em 2019, o segundo ano.

O segundo ano veio carregado de novidades. Eu estava prestes a conhecer e compreender o que significavam os estágios eletivos, que por um lado me deixaram animado e por outro me trouxeram um pouco de ansiedade; por fim, a expectativa era benéfica apesar da presença de alguma insegurança. Além disso, esse período trouxe consigo novidades em relação à grade, como o foco no aprendizado de habilidades específicas para a avaliação dos diversos sistemas (pulmonar, cardiovascular, etc.) na ES e do início dos estudos da temática de patologia na SP.

A interação com novos integrantes dos novos pequenos grupos (que se alteram a cada vez que se completa um ciclo, exceto o pequeno grupo de prática profissional e reflexão da prática) serviu para fortalecer a habilidade de interação e trabalho em grupo. A saída da zona de conforto fazia parte da espiral de conhecimento.

Sem muitas novas intercorrências, o primeiro ciclo chega ao fim trazendo já consigo a ansiedade do novo ciclo que estava por vir.

4. O SEGUNDO CICLO: CICLO CLÍNICO (2020-2022)

O segundo ciclo teve início com grandes alterações na grade curricular quando comparado ao primeiro ciclo. A situação problema e a estação de simulação seguem sem grandes alterações, apesar de aprofundar em relação ao conteúdo abordado. A prática profissional nesse momento desmembra-se em outras atividades, sendo elas a Saúde da Mulher (“SMu”), Saúde do Adulto e do Idoso (“SAI”)

e Saúde da Criança e do Adolescente (“SCrA”). Isso veio carregado de grande expectativa, insegurança e ansiedade.

A fome de aprendizado era grande, mas tudo estava à deriva da frustração com a chegada da pandemia causada pelo Sars-CoV-19.

A suspensão das atividades presenciais ocorreu poucas semanas após o início do calendário. Foi decretada por período indeterminado, com a premissa de retorno assim que fosse controlada a curva de novos casos. Inicialmente, nem atividades teóricas à distância foram cogitadas, uma vez que havia a esperança de retorno breve. Com o avanço da pandemia e aumento do número de casos em nosso país, nos mantivemos afastados de todo e qualquer tipo de atividade, seja teórico ou prática. Outras universidades do estado de São Paulo, logo ao início da pandemia, apresentaram plano de execução das atividades, sendo à distância ou presencial, com metas para o retorno de todas atividades. Diferentemente, aqui, que nos era informado a manutenção da suspensão por tempo indeterminado. Foi muito angustiante ver que alguns amigos que estudavam em outras instituições, públicas e particulares, retornarem para as atividades tão logo quanto possível enquanto nós, discentes da medicina UFSCar, com o apoio de alguns docentes, brigávamos pela possibilidade do retorno das atividades.

As atividades retornaram, então, de forma remota. As atividades teóricas, após breve período de adequação por parte de todos (discentes e docentes), seguiu de forma proveitosa e satisfatória. No entanto, as atividades práticas foram postergadas; essa decisão gerou grande ansiedade na maioria dos alunos, mas hoje compreendemos que foi tomada com o objetivo de reduzir a exposição dos discentes ao vírus e suas possíveis consequências.

Eventualmente as atividades práticas foram retomadas e realizadas em um grande bloco. Apesar do pouco tempo disponível, foi possível adquirir basicamente todas habilidades esperadas para esse ciclo e esse mesmo pouco tempo foi responsável por não deixar muito espaço para insegurança e ansiedade. Voltamos todos com sede de conhecimento, de aprendizado, o que mostrou-se muito benéfico para a execução das atividades que estavam por vir. Um docente se destaca nesse momento, o Prof. Dr. Ubiratan Adler, que não mediu esforços para que pudessemos terminar esse ciclo com a maior carga de conhecimento teórico e prático possível, dando atenção a lacunas de aprendizado que não sido preenchidas até então.

O ciclo clínico chega ao fim, apesar de todas as dificuldades, com a formação dos grupos de internato. Nesse momento amizades foram deixadas de lado e novas se formaram; houveram desentendimentos, assim como diferenças foram deixadas de lado a fim de uma boa vivência. A escolha dos integrantes que compuseram meu grupo ocorreu de forma não muito organizada e nem muito planejada. Apesar disso, não poderia ter sido mais feliz com tal escolha. Mal sabia eu que dias

alegres, e por vezes tristes também, estavam por vir e que aquelas pessoas seriam parte do meu porto seguro, representando o companheirismo tão importante para a reta final do curso.

5. O TERCEIRO CICLO: INTERNATO (2022-2024)

Assim como todo início de ciclo, o internato começou com grandes mudanças – de postura, de complexidade, de responsabilidades, de cobranças. O aprendizado viria a ser proporcional ao novo desafio. Como já haviam me dito: “durante o internato o aprendizado ocorre como uma curva exponencial” e eu estava ansioso para esta vivência.

Iniciamos pelo estágio de pediatria. Com duração de sete semanas (assim como todos os outros estágios), o estágio de pediatria deu início ao aprofundamento do estudo sobre o tema, agora sendo cobrado que soubéssemos condutas específicas de acordo com a patologia apresentada pelo paciente. O estágio, que se dividia em duas partes (maternidade, para recepção de neonatos e avaliação e cuidados – rastreio de doenças genéticas, vacinação, aleitamento, entre outros – de início de vida; e enfermaria, urgência e emergência no hospital universitário - HU), trazia num novo olhar ao tema. Ambos momentos foram de grande aprendizado, em grande parte graças aos docentes e preceptores que foram sempre atenciosos, buscando identificar e corrigir as falhas que apresentávamos.

Menção especial durante esse período à preceptora Dra. Cristiane Toniolo e às docentes Dra. Cristina Ortiz e Dra. Carla Germano. Todas foram de grande importância para nossa evolução e aprendizado. Eram sempre atentas e atenciosas aos cuidados prestados e se empenhavam para que nós, discentes, levássemos consigo um pouco disso para nossa prática.

Seguimos então para o estágio dos ambulatórios. Esse estágio inicialmente não fazia parte da grade original do quinto ano (e sim do sexto ano), mas devido à pandemia e ausência de cenários disponíveis para realização do estágio de Saúde de Família e Comunidade, a coordenação optou por inverter a ordem de ambos estágios. Representava o contato com diversas especialidades: neurologia, cardiologia, endocrinologia, entre outros. Éramos cobrados como sexto-anistas, o que fez com que surgisse a necessidade de que realizássemos um “catch-up”, tal qual os pacientes prematuros avaliados no estágio de pediatria, para que pudéssemos aprender e aproveitar o estágio ao máximo.

Chegamos ao estágio da Ginecologia e Obstetrícia, que nesse momento era focado na parte obstétrica. O estágio contava com cenários ricos – tanto na maternidade de São Carlos quanto nos ambulatórios do HU – além de bons preceptores e docentes. As atividades teóricas e práticas realizadas com os docentes Dr. Humberto Sadanobu e Dr. Marcos Okido eram espetaculares e responsáveis por grande sedimentação de conhecimento, além de estimular raciocínio crítico e lógico frente a diferentes situações e pacientes.

O próximo estágio foi o de cirurgia. Iniciei com muito receio, uma vez que até então havia uma visão enviesada sobre o tema. Mas, logo de início, decidi dar uma chance e me empenhar para um bom desempenho durante o estágio. O que eu não esperava era encontrar docentes e preceptores tão empenhados, os mesmos que fariam surgir dentro de mim a fagulha que alimenta o amor à profissão, à medicina; os mesmos que me apresentaram os temas, a rotina, a postura profissional e tudo mais de importante dentro do universo da cirurgia. O estágio, que inicialmente foca na abordagem das especialidades cirúrgicas, já foi suficiente para ter uma boa noção do que esperar da cirurgia geral, fazendo com que eu encontrasse ali o que gostaria de fazer pelo resto de minha vida.

O último estágio do quinto ano foi o de Clínica Médica. Descrito por todos discentes como “o estágio mais difícil da graduação”, trouxe consigo grande carga de medo e ansiedade. No entanto, as duas primeiras semanas foram muito importantes para acalmar nossos corações e deixar claro que as docentes e os preceptores ali presentes estavam, na verdade, muito empenhados com nosso aprendizado.

Uma vez que já havia decidido que desejo seguir no caminho da cirurgia geral, iniciei esse estágio com o pensamento de que para ser um bom profissional, além da área cirúrgica, deveria ter bom domínio de conhecimento e habilidades práticas relacionados à clínica médica. Afinal, o bom cirurgião é aquele que consegue relacionar a cirurgia à clínica e tem conhecimento amplo para embasar seu raciocínio.

Foi, de fato, um estágio cansativo, onde a cobrança pela aquisição de conhecimento e habilidades práticas era grande. Mas foi igualmente grande o aprendizado. Não poderia deixar de mencionar a importância das docentes Dra. Alice Miguel e Dra. Sigrid de Souza, tal qual a preceptora Dra. Roliana Westin, que nos cobravam, impulsionavam e vibravam a cada aprendizado, a cada conquista. São elas as responsáveis por grande parte do que somos e daquilo que ainda queremos ser; são exemplos de profissionais quanto à atenção, atendimento, postura, raciocínio clínico e condutas.

O sexto ano inicia, assim como o quinto, no estágio de pediatria. O olhar para o paciente nesse momento busca um novo ângulo, um novo entendimento. O estágio era focado principalmente na vivência da enfermagem e da UTI de pacientes pediátricos. Não tenho muito a adicionar sobre a vivência do estágio. A maior alegria foi poder desfrutar da orientação da Dra. Esther Ferreira, minha antiga orientadora, a qual por muitas vezes, além de aconselhar, foi minha confidente e parceira de projetos.

Seguimos para o estágio de Saúde de Família e Comunidade juntamente com o estágio de Psiquiatria. Apesar de alguns pequenos defeitos, foi um estágio que nos proporcionou muita autonomia, estimulou com que nos tornássemos melhores profissionais ao proporcionar a identificação de pequenas falhas, sejam elas relacionadas à anamnese, ao exame físico ou ao conhecimento teórico, e prover a oportunidade de retornar, com o mesmo paciente, já munido daquilo que nos faltava, para

encerrar o ciclo, lapidando nossa forma e nos garantindo segurança. A horizontalidade do cuidado é linda.

Chegamos novamente ao rodízio do estágio de cirurgia. Iniciei as atividades com brilho nos olhos e assim também o estava o fim do estágio. Vivenciamos a rotina da enfermagem, do pronto atendimento, do centro cirúrgico, dos ambulatórios e até mesmo da anesthesiologia. O contato com os docentes e preceptores era muito próximo, o que fazia aumentar a sede por conhecimento e a vontade de participar de atividades práticas. Durante as atividades cirúrgicas tínhamos mais autonomia; ocorriam conversas descontraídas, o aprendizado acontecia ali mesmo ao redor da mesa cirúrgica, com questionamentos, explicações e estímulo à execução dos procedimentos sob supervisão. Foi onde pude observar de perto o modo de pensar, de agir e de se portar de cada um dos preceptores, renomados cirurgiões, pelos quais nutro tanta admiração e carinho.

Nem tudo foram flores, foi um estágio difícil, com carga teórica e prática densa, mas que também proporcionou um aprendizado imenso. Terminei o estágio com mais certeza ainda daquilo que desejo fazer assim que egresso da universidade. Menção especial aos docentes Dr. Rafael Luporini, Dr. José Tadeu e Dra. Pâmela Bellaz, e os preceptores Dr. Rafael Izar, Dr. Marcel Domeniconi, Dra. Ana Parra e Dr. Luís Fabrício, pela atenção, empenho e carinho que tiveram conosco durante esse período.

O penúltimo estágio foi o de Clínica Médica. Um prazer imenso em reencontrar docentes e preceptores do quinto ano, agora numa visão mais horizontalizada, onde cada discente era totalmente responsável por todas as dimensões de cuidado de seus pacientes, sendo responsável pelo raciocínio clínico, propostas de cuidados, comunicação com a equipe interdisciplinar, comunicação com familiares, estabelecimento de metas e até mesmo a parte burocrática. Essa rotina de responsabilidades e de cuidados foi responsável por sedimentar o sentimento de pertencimento à profissão médica, de responsabilidade, de dar reforço ao nosso empenho. Por muitas vezes me senti estimulado a entregar o melhor de mim devido aos comentários da Dra. Ana Giraldes e do Dr. Rodrigo Aguilar, que vibravam junto à gente a cada novo aprendizado, a cada nova conquista, sem deixar de lado a premissa de que deveríamos estar sempre atentos aos mínimos detalhes e que nossos pacientes eram de responsabilidade nossa.

O fim se daria com o estágio de Ginecologia e Obstetrícia, dessa vez com maior enfoque na parte ginecológica. Com um balanço perfeito entre atividades práticas, teóricas e períodos livres para aprendizagem autodirigida, o estágio se desenvolveu de forma pacífica e harmoniosa, tal qual havia sido no quinto ano. A equipe mostrou-se solícita e colaborativa, o que nos trouxe a sensação de “finalmente estamos chegando ao fim, praticamente vivemos a rotina de médicos e somos vistos pelos pares da mesma maneira”. Os plantões noturnos, os únicos pelos quais passamos durante toda a

graduação, foram difíceis de se acostumar no início, mas serviram como experiência e aprendizado para os dias que estão por vir. A atuação do Dr. Valter Fausto e da Dra. Maristela Carbol, responsáveis pela organização do estágio de ginecologia e obstetrícia do sexto ano, sempre com postura amigável, cooperativa e convidativa, contribuíram muito para a leveza das atividades.

O estágio chega ao fim, assim como o sexto ano e assim como a graduação. Este momento celebra o encerramento do capítulo final do livro que começara a ser escrito lá em 2017, o qual demandou muito empenho, muita dedicação e muita paciência mas também foi responsável por muitas amizades ao longo do caminho, muita satisfação e muita alegria.

6. AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES (2018-2023)

Durante o período da graduação tive a oportunidade e prazer de participar de alguns projetos. O primeiro deles foi o Centro Acadêmico (CA). Sempre tive muito interesse pelo movimento estudantil – tal como ocorreu na graduação anterior que havia iniciado – e a possibilidade de fazer parte do grupo de alunos que estavam atentos às demandas provenientes do corpo discente, assim como ser responsável por atividades integrativas, informativas e educativas me serviu para muito crescimento enquanto pessoa, estudante e profissional. Estive presente como apoio no ano de 2018 e diretor sócio-cultural em 2019. As amizades ali criadas permanecem até os dias atuais e com toda certeza serão levadas adiante por muito tempo.

Outra atividade da qual fiz parte de forma assídua, foi a Liga Acadêmica de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos (LATACP), onde tive o prazer de trabalhar ao lado da Dra. Esther Ferreira, além de diversos outros profissionais da equipe multidisciplinar que formava o Coletivo de Cuidados Paliativos da UFSCar, os quais realizavam várias atividades em conjunto conosco. Na LATACP, iniciei no ano de 2018 como ligante, em 2019 fui vice-presidente e tesoureiro, em 2020 atuei como presidente da Liga, retornando ao cargo de tesoureiro em 2021 e novamente presidente em 2022. Tratava-se de um conjunto de alunos, orientados pela Dra. Esther Ferreira, que tinham interesse no aprofundamento do estudo de temas relacionados à finitude, à comunicação, ao manejo de sintomas (principalmente da dor), à dignidade e ao extenso arsenal de ferramentas e cuidados que podemos utilizar e proporcionar aos pacientes que enfrentam uma doença que ameaça a continuidade da vida. Tal tema sempre foi de meu interesse devido às vivências pelas quais passei anteriormente ao início da graduação de medicina e, portanto, tinham grande significado.

O Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET), foi o último deles. Ocorreu durante o período de 2022-2023. Participávamos de um grupo de estudantes de medicina e educação física, sendo orientados por professores das respectivas áreas, em paralelo a outros grupos que envolviam

alunos e professores de outros cursos (terapia ocupacional, psicologia, entre outros), a fim de garantir atendimento integral de qualidade de forma longitudinal para crianças e adolescentes, com abordagens especificamente voltadas à esfera psicossocial. Foi de grande valia para compreender de forma mais ampla a atuação de profissionais de outras áreas e como diferentes ideias e visões poderiam se somar para culminar no melhor cuidado possível ao usuário do sistema único de saúde. As atividades serviam também como disparador para estudos sobre a composição da rede de saúde, os serviços e ferramentas disponíveis na rede, as atividades que poderíamos implementar e oferecer, além da parte teórica relacionada a processos fisiopatológicos. O fim do projeto de extensão aconteceu com uma grande atividade que contava com a participação de todos os colaboradores e que nos permitiu enxergar o quanto pudemos fazer pelos pacientes e o quanto pudemos crescer como profissionais durante esse período.

7. CONCLUSÃO

Ao fim dessa análise crítico-reflexiva, vejo que o caminho foi árduo, mas que pude contar com o apoio de inúmeras pessoas – familiares, amigos, docentes, preceptores – para um bom desempenho e execução das atividades. Expresso aqui minha gratidão a todos, com sensação de dever cumprido.

As inseguranças presentes ao decorrer da trajetória por vezes me traziam dúvidas se eu realmente pertencia a esse local e a essa profissão. Elas foram cada vez menos recorrentes com o passar do tempo e, hoje, tenho a plena certeza de que fiz a escolha certa e que, daqui pra frente, minha nova missão é levar atenção e cuidado, de forma integral, a todos aqueles que os necessitem, sabendo que cada ser é munido de uma complexidade própria, diferente de todos os outros, e todas suas características devem ser levadas em consideração na hora do planejamento, do suporte e do cuidado.

Levo comigo o pensamento de que o saber é mutável e que, principalmente dentro da medicina, o conhecimento está em constante processo de atualização e reformulação, para que esteja sempre ciente da necessidade da constante busca pelas melhores evidências que deverão nortear minhas condutas.

E ao fim deste ciclo, gratidão.